

Série Saúde Mental Coletiva

# **LINHAS DO TEMPO: Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública**

Analice de Lima Palombini  
Vera Lucia Pasini  
Daniel Dall'Igna Ecker

ORGANIZADORAS





A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página  
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>  
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa as vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA  
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

[editora.redeunida.org.br](https://editora.redeunida.org.br)



Analice de Lima Palombini  
Vera Lucia Pasini  
Daniel Dall'Igna Ecker  
ORGANIZADORAS

Série Saúde Mental Coletiva

# **LINHAS DO TEMPO: Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública**

1ª Edição  
Porto Alegre  
2022



Coordenador Nacional da Rede UNIDA

**Túlio Batista Franco**

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Denise Bueno, Maria das Graças, Frederico Viana Machado, Márcio Mariath Belloc, Karol Veiga Cabral, Daniela Dallegrave.**

Conselho Editorial

**Adriane Pires Batiston** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;

**Alcindo Antônio Ferla** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

**Ángel MartínezHernández** – Universitat Rovira i Virgili, Espanha;

**Angelo Stefanini** – Università di Bologna, Itália;

**Ardigó Martino** – Università di Bologna, Itália;

**Berta Paz Lorido** – Universitat de les Illes Balears, Espanha;

**Celia Beatriz Iriart** – University of New Mexico, Estados Unidos da América;

**Denise Bueno** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

**Emerson Elias Merhy** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil;

**Érica Rosalba Mallmann Duarte** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

**Francisca Valda Silva de Oliveira** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil;

**Izabella Barison Matos** – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;

**Héider Aurélio Pinto** – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil;

**João Henrique Lara do Amaral** – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil;

**Júlio César Schweickardt** – Fundação Oswaldo Cruz/ Amazonas, Brasil;

**Laura Camargo Macruz Feuerwerker** – Universidade de São Paulo, Brasil;

**Leonardo Federico** – Universidad Nacional de Lanús, Argentina;

**Lisiane Böer Possa** – Universidade Federal de Santa Maria, Brasil;

**Liliana Santos** – Universidade Federal da Bahia, Brasil;

**Luciano Bezerra Gomes** – Universidade Federal da Paraíba, Brasil;

**Mara Lisiane dos Santos** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;

**Márcia Regina Cardoso Torres** – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil;

**Marco Akerman** – Universidade de São Paulo, Brasil;

**Maria Augusta Nicoli** – Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália;

**Maria das Graças Alves Pereira** – Instituto Federal do Acre, Brasil;

**Maria Luiza Jaeger** – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;

**Maria Rocineide Ferreira da Silva** – Universidade Estadual do Ceará, Brasil;

**Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira** – Universidade Federal do Pará, Brasil;

**Ricardo Burg Ceccim** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

**Rodrigo Tobias de Sousa Lima** – Fundação Oswaldo Cruz/ Amazonas, Brasil;

**Rossana Staevie Baduy** – Universidade Estadual de Londrina, Brasil;

**Sara Donetto** – King's College London, Inglaterra;

**Sueli Terezinha Goi Barrios** – Associação Rede Unida, Brasil;

**Túlio Batista Franco** – Universidade Federal Fluminense, Brasil;

**Vanderléia Laodete Pulga** – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;

**Vera Lucia Kodjaoglanian** – Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil;

**Vera Maria Rocha** – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;

**Vincenza Pellegrini** – Università di Parma, Itália.

Comissão Executiva Editorial

**Gabriel Calazans Baptista**

**Jaqueline Miotto Guarnieri**

**Alana Santos de Souza**

**Márcia Regina Cardoso Torres**

**Renata Riffel Bitencourt**

Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

**Lucia Pouchain**

Ilustração Capa

**Eleonora Graebin**

---

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

**P1811 Palombini**, Analice de Lima; **Pasini**, Vera Lucia; **Ecker**, Daniel Dall'Igna (org.).

Linhas do tempo: acompanhamento terapêutico na rede pública / Organizadoras: Analice de Lima Palombini, Vera Lucia Pasini e Daniel Dall'Igna Ecker – 1. ed. – Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022

232 p. (Série Saúde Mental Coletiva, v. 4).

E-book: 3.00 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-54329-50-1

DOI: 10.18310/9788554329501

1. Acompanhamento Terapêutico. 2. Casos clínicos. 3. Políticas Públicas. 4. Psicologia. 5. Saúde Mental. 6. Universidade. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

22-30180102

CDD 610.7

CDU 614.25

---

#### ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Medicina: Estudo, pesquisa e tópicos relacionados.
  2. Medicina: Direitos e deveres, ética médica e temas relacionados.
- 

Catálogo elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA  
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

[www.redeunida.org.br](http://www.redeunida.org.br)





## CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CASO

### O quarto de Vincent<sup>22</sup>

Débora de Bitencourt Fél  
Vera Pasini  
Gabriel Bernardo  
Analice Palombini  
(UFRGS)

#### Um percurso entre vários

Para começar, vamos contar um pouco do nosso trajeto percorrido com Vincent<sup>23</sup>, jovem encaminhado ao *ATnaRede* da UFRGS pela equipe de matriciamento da Unidade de Saúde (UBS) próxima à sua moradia, na periferia de Porto Alegre, em meados de 2013. Vincent tinha então 19 anos e desde os 16 não saía de casa. Também não frequentava a UBS, e a equipe de saúde tinha dificuldade de acompanhá-lo. Apenas em visita domiciliar o médico da UBS e/ou a psiquiatra da equipe de matriciamento mantinham contato direto com ele, o que acontecia esparsamente. Durante um ano e meio foi acompanhado por Lorena, mestranda participante do projeto, sem que fosse possível chegar à rua com Vincent. A rua lhe punha medo.

A presença da *at* na casa criou um forte laço, não só com Vincent mas em especial com sua mãe, que na despedida de Lorena, que foi sua primeira *at*, escreve em recado:

<sup>22</sup> O texto narra o percurso de um AT realizado no âmbito do Projeto de Extensão *ATnaRede* da UFRGS, proposto para discussão coletiva, na perspectiva da construção do caso (Figueiredo, 2004), como atividade do evento comemorativo aos 20 anos do projeto. No evento, o relato clínico, feito por integrantes do *ATnaRede*, foi apresentado aos convidados, visando a produção de um trabalho comum, a partir da partilha de determinados elementos da história do acompanhado e das contribuições dos envolvidos na discussão em roda para o processo de construção coletiva do caso. Essas contribuições foram incorporadas à narrativa que aqui se apresenta. Participaram, como convidados, dessa construção: Ana Lúcia Marsillac e Beatriz Fontoura Guimarães (UFSC), Deborah Sereno (PUCSP), Douglas Casarotto de Oliveira (FISMA/UFRGS), Pedro Pacheco (URI-Santiago), Rafael Wolski de Oliveira (UNISINOS/UFRGS), Ricardo Pimentel Mello (UFC), Ricardo Wagner Silveira (UFU).

<sup>23</sup> Nome fictício.

*Vamos sentir saudades. Você foi mais que uma psicóloga. Você foi, para esta família, o sol que clareou os dias nublados e difíceis. Não poderia colocar tudo o que você significou para a gente neste papel, mas saiba que nunca iremos te esquecer. Você vai estar, para sempre, em nossos corações. Te adoramos. Beijos. Para sempre.*<sup>24</sup>

Nos encontros com Vincent, ele dita para Lorenna a apresentação de si que gostaria que constasse na pesquisa de mestrado que ela vinha escrevendo (Rocha, 2015):

*Meu nome é Vincent. Eu estudei na escola X<sup>25</sup>. Ia de ônibus para lá, mas não gostava, era apertado e cheio, sentia vergonha e as pessoas ficavam “cuidando” de mim. Minhas professoras eram Luciana e Deise. Era uma escola especial, uma classe terapêutica. Parei de estudar há cinco anos atrás, quando tinha 13 anos, porque mexiam comigo lá. Eu gosto de comer guisado, tomate, batata e sopa de carne com batatas. Não gosto de galinha, só de peito de frango. Também gosto de Nescau com leite gelado. Eu pegava os ônibus Clemente e São Jorge para ir à escola quando a minha mãe me levava, naquela época. Às vezes, eu ia de Kombi; minha mãe pagava o carnê e a moça me trazia para casa, eu gostava dela. Eu gosto de guaraná, de Pepsi e de Fanta laranja. Eu tomo banho todo dia; passo sabonete e shampoo e também escovo os dentes todo dia. Depois, troco a roupa bem limpinha. Eu sou alegre, sorridente, adolescente, bem educado e bem simpático. Eu tomo banho de piscina. O nome do meu pai é Teodoro e o da minha mãe é Ana. Tenho dois irmãos e a neném (irmã mais nova). Minha avó também. Minha psicóloga se chama Lorenna Pinheiro Rocha. Gosto de conversar e bater papo com a minha psicóloga. E de ver TV também. Gosto de jogar futebol e de ir ao super Carrefour. Gosto de pegar taxi e pagar o taxi. Gosto de futebol, o meu pai gosta também. Minha mãe gosta de arrumar a casa. Eu arrumo o lençol da minha cama e tiro o lixo do meu quarto. Minha irmã neném gosta de guaraná e de frutas. Meu pai trabalha com o serrote. Eu não gosto de sair porque tenho vergonha de pegar ônibus lotado. Minha mãe gosta de fazer bolos e carne de porco assada. Meu pai gosta de churrasco, e eu também gosto. Eu gosto de desenhar coração, lua, estrela e ilha. Eu leio Zero Hora, Jornal Sul e Diário Gaúcho para saber das notícias. Eu gosto das novelas do SBT.*

24 Fragmento da dissertação de mestrado (Rocha, 2015).

25 Nome da escola omitido, visando preservar a identidade do acompanhado.

Já perto do final do acompanhamento feito pela Lorenna, eis o que Vincent diz de si (Rocha, 2015):

*Eu gostaria de trabalhar num curso da faculdade, fazer formatura, porque ano que vem eu faço 20 anos. Ainda demora. Queria trabalhar escrevendo e desenhando. Eu gosto de desenhar, desenho bastante. Gosto de desenhar com giz de cera e com canetinha e lápis de cor. Gosto de dormir. Queria conhecer Santa Maria e Santa Rosa. É a terra da Xuxa; ela é legal, mas não trabalha mais na TV. Em alguns anos, eu gostaria de votar nas eleições de outubro de 2014. Antes, vem a copa do mundo. Eu gostaria de ir para um jogo do Brasil no Beira Rio, aqui em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.*

No ano seguinte, em 2014, acompanhado de Verônica, sua segunda *at*, Vincent topou participar de um piquenique organizado pelos participantes do projeto *ATnaRede*<sup>26</sup> (Ezequiel, 2016). O aceite se deu depois de muito preparo - e sob condição de que uma das coordenadoras do projeto fosse buscá-lo em casa de carro. Em 2016, Gabriel, que seria seu *at* anos depois, narra-nos a cena de seu primeiro encontro com Vincent, no piquenique do projeto ocorrido naquele ano:

*No piquenique realizado no primeiro semestre de 2016 conheci pessoalmente Vincent, de quem já havia ouvido falar muitas vezes nas reuniões do grupo. O menino tímido chegou acompanhado da Professora coordenadora do projeto, e logo sentou-se na roda com suas folhas de papel e giz de cera. Nesse primeiro encontro fiquei muito afetado por sua presença. A dificuldade em sustentar os olhares fazia com que ele ficasse cada vez mais encolhido perto da Professora, que parecia dar alguma segurança a ele. Pouco tempo depois de chegar ao Parque da Redenção, onde acontecia o piquenique, Vincent pediu para voltar para casa.*

Percebemos que são as pessoas próximas – como a mãe e, depois, as/os integrantes do projeto – que servem de amparo a Vincent na relação a um Outro,

26 Semestralmente, com o objetivo de dar materialidade ao projeto de extensão, que não possui sede física ou estrutura administrativa, o grupo de coordenadoras, acompanhantes e acompanhados/as se reúnem em um piquenique onde podem ver e ser vistos e compartilhar olhares, afetos e alimentos, produzindo grupalidade e um senso de pertencimento ao coletivo que designa o *ATnaRede*.

vivido por ele como ameaçador e persecutório. É como um Outro regulado (Kupfer, Faria & Keiko, 2007), contido pelas limitações cotidianas que lhes são próprias e nas impotências de seu não saber, que as/os acompanhantes terapêuticas/os e uma das coordenadoras do projeto se apresentam para Vincent, oferecendo-lhe a possibilidade de barrar a dimensão desmedida do Outro e sustentar, ainda que minimamente, sua presença no social.

Entre agosto de 2015 e julho de 2017, foram *ats* homens que acompanharam Vincent. A mãe esteve mais ausente nesse período, pois havia arrumado trabalho no comércio local. Assim, o AT de Vincent passou a depender de que sua avó ou irmã pudesse abrir o portão que dava acesso ao pátio da casa ou, quando isso não ocorria, requereu, dos *ats*, estratégias improvisadas para ultrapassar o portão e alcançar a casa, driblando os cães no pátio. Vincent seguiu comparecendo aos piqueniques semestrais do projeto, porém com muita dificuldade de sustentar sua presença e o olhar. Fazia questão de ir, mas nem bem chegava e trocava alguma palavra com as pessoas já conhecidas, logo queria ir embora.

Em meados de 2017 é Débora que dá início a um novo período de AT. Vincent, então com 23 anos, há sete já não saía cotidianamente de casa. Bastante isolado em seu quarto, mantinha pouco contato com a família, sendo a mãe a figura mais presente, auxiliando-o na organização do quarto e suprimindo suas necessidades de higiene e alimentação. Entre 2018 e 2019, o acompanhamento de Vincent, realizado por Gabriel, depara-se com a mesma condição de isolamento e o distanciamento da sua rede de saúde.

## Cena familiar

Como já referimos, a principal questão que leva à solicitação de um AT, através do Projeto de Extensão *ATnaRede*, está relacionada à dificuldade de Vincent em sair de casa, a qual, segundo a mãe, viu-se agravada após a morte de uma irmã, que teria ocorrido poucas horas depois do parto. A mãe conta ter sofrido intensamente no período de luto, passando meses chorando. Com o tempo, percebemos que o enclausuramento do acompanhado é efeito de uma série de questões compartilhadas com a família, sendo impossível falar sobre Vincent sem mencionar o contexto familiar.

Vincent não é o único que não sai de casa. Os pais relatam que seu irmão, sete anos mais novo, após o desaparecimento de uma cachorrinha muito amada, também passou a não sair do quarto e tem dificuldade de frequentar a escola. A irmã, dois anos mais nova, parou de estudar no ensino médio. Como faz e vende artesanatos, costuma transitar pela cidade, mas fica a maior parte do dia dentro de casa. A caçula, dezessete anos mais nova que Vincent, não tem vínculos fora de casa, brinca sozinha, tendo como companhia apenas a televisão, o celular e a irmã mais velha<sup>27</sup>.

Em uma das conversas com a mãe, são relatadas as dificuldades dos filhos em frequentar a escola e “descolar-se” de casa. Embora manifeste seu desejo por autonomia em relação aos filhos, principalmente nas tentativas de trabalhar fora de casa e de frequentar outros espaços, parece-lhe difícil afastar-se dos filhos/as: seus vínculos de trabalho são seguidamente rompidos, de forma que é recorrente o seu retorno ao confinamento doméstico. Assim, em conversa da *at* com a mãe e a filha mais nova, a respeito da frequência da criança à escola, a mãe responde pela filha: “Ela não quer ir de jeito nenhum. Vai ser difícil. Tu não quer ir, né filha?”. A menina confirma, balançando a cabeça.

Em outro momento, num dia de muito calor, a *at* convidou Vincent a sair para tomar um sorvete, o que ele recusou, com a desculpa de estar sentindo frio - e, para prová-lo, imediatamente vestiu um casaco. Semanas mais tarde, quando finalmente ele parecia concordar em realizar com a *at* um passeio pela rua, foi a mãe, então, quem impediu a saída, sob o pretexto de precisar antes comprar roupas novas para o filho, para que pudesse sair - percebera, de súbito, que ele havia crescido e que suas calças estavam curtas... (Rodrigues, 2015)

Há um aspecto mortífero na relação ao Outro materno produzindo um “medo da morte” e da “loucura” que não permite viver. Não permite que a porta se abra produzindo encontros e se feche quando for preciso segurança. Em sua maioria, a família vê-se impedida de transpor o limiar do portão, o limiar dentro/fora. Não lhes é possível sair de casa e enfrentar as (a)diversidades que o espaço da rua representa, dando passagem ao estrangeiro, ao inesperado, ao imprevisto.

Quanto ao pai, ele pouco aparece no discurso e no cotidiano da família. Teodoro e Vincent ficaram um ano sem comunicação, devido a um acontecimento

<sup>27</sup> A cena aqui relatada remete a março de 2018, quando da apresentação do caso no evento comemorativo aos 20 anos do Projeto de Extensão - dois anos antes, portanto, do contexto pandêmico que impôs o isolamento social como medida de proteção.

que deixou marcas importantes na relação entre eles. O pai teria feito uma brincadeira dirigida à mãe, e Vincent, entendendo o gesto do pai como uma briga, intervém agredindo-o fisicamente em defesa da mãe. O pai revida, rompendo o laço já fragilizado. Essa cena é relatada por Vincent algumas vezes durante o AT. Há tentativas de Teodoro, mas ainda com muitas reticências, em restabelecer o vínculo. Vincent diz que o pai às vezes vai até o seu quarto, “dá oi” e pergunta como ele está, oferecendo-lhe folhas e lápis de cor para os seus desenhos.

Apesar de “trabalhar com serrote”, parece custoso, ao pai, ocupar-se da função de corte na relação mãe/filho. Vincent, porém, faz seu apelo, quando escreve, sobre o pai, que “ele gosta de churrasco e eu também” ou quando interpela a irmã, com respeito ao desenho que esta faz da família: “onde está o pai?”. A relação ao pai, o único que se permite estar dentro e fora da casa, em sua potência de fazer circular, pode indicar os caminhos para sair do enclausuramento.

Nos poucos momentos em que a aproximação de Débora com o pai foi possível, no pátio entre a casa e a rua, ele, como Vincent, apresenta dificuldade em dirigir o olhar para a *at*. Menciona que recém estava aprendendo a conversar com as pessoas, pois cresceu no interior e sempre foi meio “bicho-do-mato”, “mais quieto” e “sem muito jeito pra crianças”. Diz que a esposa é mais comunicativa e extrovertida, ao contrário dele. Relata ficar pouco em casa e mostra mais preocupação pelo outro filho, parecendo resignado com relação à situação de Vincent.

Nos dois encontros que Gabriel teve com o pai e a mãe juntos, em conversas “formais” sobre Vincent, Teodoro, dessa vez, não evita o olhar, mas mantém uma postura “defensiva”, suscitada pela presença do “psicólogo”, em sua posição de saber. Mesmo assim, o pai não esconde o fato de não saber muito bem como lidar com a singularidade do filho, que estava crescendo. Afirma que “antes ele era caprichoso” e que, quando Vincent era menor, eles tinham uma boa relação.

Vincent diz não gostar da avó, que mora na casa em frente à sua, no mesmo pátio. Diz que cospe, xinga e bate nela, remetendo à avó o motivo de não poder sair de casa, bem como atribuindo a ela fatos que ocorrem com ele. Há relatos, tanto da mãe quanto da UBS, de que a avó enfrenta momentos de um estado depressivo profundo, e sua tristeza parece não ser suportada pelo neto. Podemos chamar de espelhamento, ou transitivismo (Barth, 2004), esse fenômeno que liga a Vincent o que se passa com a avó, e o mesmo parece ocorrer também na sua relação com a mãe: as dores que ela

sente, ele refere sentir, assim como compartilha de seus gostos, e tudo que ele faz, por mínimo que seja, precisa passar pelo consentimento materno.

Além da avó, cenas de agressividade também envolvem outros membros da família: já agrediu a irmã, já foi agredido pelo irmão. Vincent relata para a *at* situações agressivas entre a família, nas quais diz sentir-se ignorado, olhado com “cara feia”, “debochado”. Justifica, assim, o fato de se irritar e agredir as pessoas, pois ali “ninguém se gosta, ninguém se olha, é cada um no seu canto”.

No AT, os encontros com Vincent tendem a se repetir, com poucos deslocamentos, geralmente propiciados pela mediação de atividades artísticas. Foi através destas atividades que, em um momento raro, tivemos a aproximação das irmãs ao seu quarto. Segundo a mãe, “elas têm medo dele”. Vincent ficou tímido com a presença delas na cena do AT. Não conseguia sustentar seu olhar, mantendo-se cabisbaixo, mas, à medida que as irmãs interagem com ele e a *at*, Vincent demonstrava alegria. Mesmo com o incômodo de ter tantas pessoas no “seu canto”, agiu de forma muito carinhosa, pedindo abraço e beijo à irmã mais nova, chamando-a de amor.

## Desenhando Vincent

Embora a família e a equipe de saúde destacam a agressividade como traço de Vincent, o que transborda na maioria dos encontros com as/os *ats* é o afeto. Momentos agressivos também existem, mas não caracterizam o aspecto central do vínculo e costumam acontecer em situações de ruptura com combinados ou quando se impõem dificuldades de mediação na relação com o Outro. A falta de orientação, comum na psicose, com respeito a um tempo cronológico faz com que a organização da sua agenda ou calendário seja rigidamente fixada, e qualquer ruptura com essa rigidez dos eventos no tempo produz inconsistência num Eu fragilizado. Uma cena registrada por Gabriel em seu percurso como *at* de Vincent dá visibilidade a isso:

*Durante a semana a mãe de Vincent tentou me avisar que a sua folga mudou de quinta-feira para segunda-feira, mensagem que não recebi a tempo. Na quinta, fui, conforme o combinado anterior, até a casa de Vincent para o nosso AT. Ao me aproximar do quarto, após sua*

*irmã Vilma abrir a casa pra mim, avisei a minha chegada, antes de abrir a cortina. Vincent me recebeu com surpresa, perturbado ao me ver já próximo de entrar no quarto. Ele perguntou o que eu fazia ali, dizendo que sua mãe não estava em casa e que eu não deveria ter ido. O questionamento foi muito semelhante ao que fez na outra ocasião em que se alterou: “Gabriel, o que faz aqui? Por que tu vens?”. Logo após os questionamentos, sentindo-se ameaçado, Vincent cuspiu de longe, tentando me acertar. Expliquei que aquele era o dia marcado para o nosso encontro, que eu estava ali para fazermos nosso AT. Ele retrucou que a mãe lhe havia dito que eu iria em outro dia. Perguntei então se ele gostaria que eu fosse embora e voltasse em outro dia, mas ele me disse que não, gostaria que eu ficasse.*

A ambivalência manifesta por Vincent entre o desejo da presença do AT e seu incômodo com a visita fora da hora esperada deixa evidente a importância que tem, para ele, o cumprimento da palavra pactuada e o lugar destacado que confere à sua mãe nessa pactuação. Após este acontecimento, Vincent pediu um calendário de 2019 de presente, apontando que os combinados de dias e horários deveriam ser respeitados. Quando sente-se ameaçado, como na cena narrada, reage com uma agressividade que intenta ser simbólica, apesar de sua inscrição no real da ação como passagem ao ato. Dizemos que tenta ser simbólica porque é mais uma tentativa de impor ao Outro seu limite, não significando um risco de fato à integridade do seu interlocutor. Na dificuldade de mediar esse limite através da palavra, cospe a angústia que busca expelir do seu interior. Apesar disso, não economiza carinho e faz questão de demonstrar a importância que o AT tem na sua vida.

Tanto os sentimentos de alegria, carinho e desejo como os momentos de raiva, tristeza e agressividade encontram uma via de expressão por meio do desenho. Alguns desenhos performam, no seu traçado, partes fragmentadas do corpo ou conteúdos mais regressivos; outros, uma composição muito rica de detalhes e maior complexidade. É no convite para ver seus desenhos e para desenhar com ele que o vínculo com os/as *ats* vai se construindo, contornando o que, para ele, parece insustentável na relação, seja com familiares, seja com terceiros, em casa ou na rua. Nos desenhos podemos encontrar a construção narrativa mais rica de Vincent. Em meio

a repetições, surgem cenas e personagens que trazem à tona um sujeito que enuncia em associação livre (Comerlato, 2018).

Em cada encontro, ele nos mostra a produção da semana anterior. Os desenhos são feitos enquanto o som da televisão ou do rádio preenchem o quarto - por meio das vozes que ressoam dos aparelhos, Vincent nunca está completamente sozinho. Sua produção costuma ser composta por muitos signos - objetos comuns, comidas, paisagens e personagens: coração, estrela, sorvete, lua, pirulito, fone, carta, triângulo, algodão doce. O diálogo com as imagens exibidas na TV se dá nas marcas que aparecem nos objetos: o símbolo de uma rede televisiva em um microfone, o símbolo de outra no balcão de um telejornal, as paisagens de pôr do sol perfeitas, comuns nas cenas de TV. Aparecem também nos objetos: perfumes da marca X, pasta de dente da marca Y. O coração comparece com frequência, às vezes como signo secundário dentro de um contexto, como a caneca com desenho de coração.

## As redes entre nós

Apesar do vínculo construído com as/os *ats* e da produção pictórica que se faz suporte para uma narração de si, com o passar do tempo vai ficando mais difícil para Vincent ousar sair de seu quarto. Chegar até o banheiro torna-se o maior desafio que enfrenta, quando enfrenta. Sem conseguir tirar o olhar do chão, vai apalpando as paredes até chegar ao tão distante destino, a poucos metros do quarto. O olhar, que dirige apenas à/ao *at* e à mãe, cada vez restringe-se mais. As saídas aos piqueniques passam a ser recusadas, sem margem de negociação.

O AT é o único espaço de relação exterior à família que Vincent mantém. O projeto *ATnaRede*, porém, tem dificuldades em avançar sem a necessária articulação com os demais serviços, que poderiam contribuir com a perspectiva de cuidado em liberdade que sustenta o trabalho dos *ats*. Vincent segue sem um acompanhamento psiquiátrico regular, e a vinculação com o que deveria ser a sua rede de cuidado - rede de atenção psicossocial - encontra-se fragilizada. Vincent permanece esquecido e pouco investido pelas equipes que, tal qual sua família, parecem descrentes de qualquer possibilidade de mudanças na sua existência.

É certo que fatores políticos e econômicos têm fragilizado a atenção básica no município e no país, fazendo com que os/as trabalhadores/as dos serviços



sintam-se impotentes diante da complexidade que se apresenta em caso como o de Vincent e sua família. Mesmo assim, sustentamos a potência de produzir, coletivamente e em rede, outras formas de cuidado – que não coloquem o diagnóstico e a medicação como centrais –, apostando no sujeito. O trabalho solitário com que nos confrontamos, porém, faz-nos questionar o quanto o AT pode manter-se como um dispositivo de produção de autonomia para Vincent. Buscamos força na sutileza dos detalhes, mas, às vezes, temos a impressão de que o AT libera tanto a família quanto a rede de atenção psicossocial do compromisso pelo cuidado – como se, na medida em que há o AT para cuidar, se isentassem de olhar para o que se passa. Muitas vezes nos vemos de mãos atadas por nós de uma rede que, tendo muito a fazer, vem tecendo com dificuldades os fios que tramam o cuidado no território.

Entretanto, sempre que pensamos desanimar, cenas potentes como a que narramos abaixo, nos alimentam e dão forças para nossas andanças.

*Me encontro na parada, aguardando o ônibus que me levará ao local onde mora Vincent. Faço esse AT há mais de um ano, quase um ano e meio, e o caminho já é tradicional pra mim. Pra variar, estou angustiado com a falta de respostas da UBS à proposta feita há duas semanas. Minha angústia em relação à comunicação com a Unidade tem motivos. Já não é a primeira vez que tenho dificuldade em conversar com alguém da equipe ou conseguir uma data para ser recebido. A propósito, minha proposta, que está sem resposta há duas semanas, é uma reunião entre Saúde (UBS e ESMA), Assistência (CRAS) e AT (Projeto de extensão universitária) para discutirmos o caso do Vincent e da família. Identificamos que apenas o ATnaRede é insuficiente para dar conta da complexidade do caso.*

*Vincent não quer sair de casa, e respeitamos isso. No entanto, essa condição faz com que, cada vez menos, ele possa relacionar-se com outras pessoas. Seu círculo social tem ficado restrito aos ats e à família. Na medida em que ele fica mais velho, vai ficando mais difícil para os pais e irmãos compreenderem a singularidade do seu modo de vida. Por isso, acreditamos que seja um caso para ser dividido entre Saúde, Assistência Social e demais setores que possam complexificar também os modos de cuidado. Entendemos que o sofrimento do Vincent ou o sintoma que tenha ganhado forma no seu corpo não seja um problema individual. O sintoma fala por uma família, uma família que vive em um território, um território que habita uma*

*cidade, uma cidade localizada em um país. Portanto, o sofrimento do Vincent deve ser pensado a partir de todos esses atravessamentos, e uma escuta individual jamais dará conta da tarefa de produzir saúde nesse contexto.*

*Isso tudo faz a reunião tão importante, e fico angustiado em não receber resposta. Resolvo chamar novamente no Whatsapp: “Colega, conseguimos algum dia pra nossa reunião?” Resposta rápida: “Oi, sim, tive um retorno da ESMA.” Finalmente, penso eu. A colega da UBS segue: “Infelizmente não poderemos fazer a reunião. Falta RH. “Como assim?”. Pergunto: “Falta RH onde? Na ESMA ou na Unidade de Saúde?”. “Na ESMA”, ela responde. Não é a primeira vez que a ESMA nega o pedido de reunião... “Bom, fazemos nós então, AT, UBS e CRAS, pode ser?”, pergunto. “Não vai ser possível, também estamos sem pessoal e sem previsão, talvez quando uma médica voltar de licença, mas sem previsão...”, ela responde. Sentimento de impotência. A negativa de reunião por parte dos dois serviços escancara as dificuldades do trabalho em rede. A impossibilidade de sentar e conversar sobre um caso durante algumas horas demonstra, ao mesmo tempo, uma tendência de simplificação de condições complexas e os furos de uma cobertura que deveria se dar **no** território, não simplesmente **por** território. O caso do Vincent é famoso nos serviços e, não indo até aos serviços, estes sequer cogitam ir até ele. Resolvo manter a reunião somente entre AT e CRAS, talvez a assistência social possa lançar um olhar diferente para o caso.*

*Depois de alguns minutos no ônibus, salto lá nos altos do morro. Curta caminhada até a casa do Vincent, chego ligeiramente atrasado para o AT. Passo pelo primeiro portão que já me espera com o cadeado solto. A avó do Vincent, que mora na casa que fica na parte da frente do terreno dividido pela família, já sabe que quinta à tarde é o dia do AT. No total são 3 casas no terreno: na frente a da avó, no meio a do Vincent e família (mãe, pai, duas irmãs e um irmão) e nos fundos a do tio. Passo pela avó no corredor que leva à casa do meio e começo a bater palmas para chamar a irmã do Vincent, que costuma abrir a porta pra mim e espantar os cachorros para eu passar. A avó me alerta: “acho que ela saiu”. As palmas atacam os cachorros, que latem sem parar do outro lado do portão de madeira que separa as duas primeiras casas do terreno. Pergunto se ela demora a voltar, e a avó diz que acha que sim, que ela foi ao Centro. Sigo batendo palmas, na esperança de que Vincent pudesse levantar do seu quarto e me receber para o AT. Sugiro à avó que isso possa*

acontecer, e ela dispara: “duvido!” Sigo ali, batendo palmas. Os cachorros latem cada vez mais. A avó cogita que a porta possa estar aberta, que a irmã provavelmente deixou destrancada para eu entrar. Tento passar pelo portão de madeira mas fico com medo dos cachorros. Eles latem sem parar. Tento acalmá-los, mas sem sucesso. Já chateado com a resposta da UBS, me sinto abatido com a situação. A avó me convida para sentar um pouco na cozinha da sua casa, oferece-me um copo de refrigerante. Aceito, entro na cozinha, onde encontro um senhor sentado à mesa, copo de cachaça em frente. O senhor, apresentado pela avó como “tio”, não fala nada. A avó me serve o refri e acende um cigarro. Pergunto se posso fumar também, e ela me oferece um cinzeiro. Tomamos o refrigerante juntos e fumamos o cigarro. Pergunto a ela se tem visto Vincent, e ela diz que muito pouco, às vezes pela janela - aponta uma basculante. Olho pela janela e vejo a porta da casa de Vincent aberta, levo um susto. Grito pra ela: “ele abriu a porta, tava fechada antes! Ele abriu pra mim!” Ela, surpresa com minha animação, assiste eu apagar o cigarro no cinzeiro e voltar correndo pro portão de madeira. Os cachorros logo correm pro portão novamente, latindo muito, como sempre. Eu grito: “Vincent, tá aí? Foi tu que abriu?” Ele responde lá de dentro, a voz fininha que parecia ter esquecido como gritar: “Sim, tô aqui, vim abrir pra ti”. Eu grito de volta: “não consigo passar, tô com medo dos cachorros” e ele devolve “sai cachorro! Deixa o Gabriel passar”. A cena toda me enche de coragem e eu abro o portão de madeira. Os dois cachorros seguem latindo mas nenhum me morde, passo rapidamente pelo pátio entre o portão de madeira e a porta entreaberta e adentro a casa. Encontro Vincent lá dentro, na cozinha, me esperando, os olhos cravados no chão. Digo: “que bom que tu veio abrir pra mim, tu me salvou!” e ele responde: “finalmente!”.<sup>28</sup>

Eis a dramaturgia dos encontros clínicos (Orlandi, 2007). No percurso do AT, constituímos nosso corpo terapeuta. Nômade que vai e vem pela cidade, tentando manter-se aberto às surpresas, a ser surpreendido e a surpreender. E vamos encontrando outros corpos. Corpos mais abertos, corpos mais fechados. Humanos e não humanos, animados e inanimados. Pessoas, instituições, ônibus, cachorros, portões, avós, usuários, técnicos e técnicas. E nosso corpo sempre ali, exposto a esses encontros.

O encontro entre os corpos é sempre produtor de atração ou repulsa, movimentos que geram efeitos, como lembra Suely Rolnik (2016): “os corpos

<sup>28</sup> Cena narrada por Gabriel, coautor deste capítulo e sexto *at* a acompanhar Vincent, em 2019, em um trabalho acadêmico para a disciplina de Processos Clínicos I.

são tomados por uma mistura de afetos. Eróticos, sentimentais, estéticos, perceptivos, cognitivos” (p. 31). Alguns corpos resistem ao encontro, se fecham. Os corpos institucionais são os mais difíceis de afetar. Eles se protegem através de uma estrutura meio rígida, meio flexível, que conduz o encontro para a borda, fazendo-o escorregar pela superfície, sem conseguir penetrar. Mas, se o surfe pela borda for a única possibilidade de entrar na onda, vamos aprendendo a surfar. Os CAPS, as UBS, as Equipes de Saúde Mental, as reuniões de equipe, são todas ondas difíceis de surfar, mas nem por isso deixamos de nos aventurar nesse mar.

Nessa aventura, também encontramos corpos dispostos a ensaiar cenas novas, experimentar novas ondas. É bom encontrar aliados. Se as dificuldades são muitas em relação às instituições, o encontro com os usuários, em seus movimentos de produção de vida, é um alento. Como na cena relatada, depois de ter uma simples (porém complexa) reunião negada pelos serviços de saúde, o encontro com Vincent, que toma coragem de ir até a porta chamar o *at*, encorajando-o a atravessar o pátio com seus temíveis cães, é um encontro-abraço. O encontro que cria um mundo, como diz Aragon (2007), “não como uma mistura de individualidades ou como uma unidade de conjunto, mas como o surgimento de uma partitura inédita que ultrapassa o constituído” (p. 56).

Nos encontros de projetos de AT vinculados a Universidades e seus diferentes saberes orientadores aprendemos uns com os outros. Com a Psicanálise, aprendemos que a psicose impõe diferenças na prática de cuidado e atenção no que concerne a uma direção de tratamento possível, com diferenças em relação à clínica das neuroses, sobretudo no que se refere à posição que o sujeito ocupa em relação ao Outro. Com a Saúde Coletiva, especialmente com os princípios da integralidade e da intersetorialidade, aprendemos as limitações que um ator único enfrenta na oferta de cuidado integral. Isso nos faz pensar sobre o quão potente poderia ser a inclusão de um artista (ou alguma atividade artística) na cena deste acompanhamento. A oferta de um espaço que não esteja colado ao da “saúde”, a presença de outro olhar, alguém que se soma ao trabalho sem necessariamente pertencer ao campo da saúde mental, podendo engajar-se em especial no trabalho com a ficção, com a fantasia, permitiria fomentar o

caráter de mediação que o desenho opera para Vincent na produção de laços com os outros. O investimento em diferentes escutas – do AT, dos profissionais psi, do artista – poderia promover um deslocamento da cena de morte que a história familiar encarna, produzindo outras narrativas e a abertura para um (re)nascimento que possa ser signo de vida.

Quando o trabalho do *at* é solitário, muitas vezes despotencializamos, tanto nossa função de terceiro, limite, corte numa relação familiarista fechada em si mesma, quanto a função de ponte, passagem entre pontas soltas, estabelecendo conexões que ajudam a sustentar uma rede protetora para que a família possa “se jogar na vida”. Por isso, a parceria com os serviços de referência é tão preciosa para nós, assim como são os encontros com outros grupos de AT, como este que nos força a pensar e nos apoia a seguir produzindo cuidado em liberdade.

## Referências bibliográficas

- Aragon LEP. (2007). *O impensável na clínica: virtualidades nos encontros clínicos*. Porto Alegre: Sulina/UFRGS.
- Barth LFB & Silveira VF. (2004). O transitivismo como dispositivo clínico conceitual. *Ágora*, vol. VII, nº 2, pp. 251-263, jul/dez.
- Bernardo G. (2019). *Desenhando Bordas Possíveis*. Trabalho acadêmico apresentado na disciplina de Processos Clínicos I. Porto Alegre: Curso de Psicologia da UFRGS (Não publicado).
- Comerlato LP. (2018). *O Resto é silêncio? Sobre as possibilidades do trabalho clínico com o desenho*. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ezequiel VS, Palombini AL & Pasini VL. (2016). Andanzas por los diferentes tiempos del Acompañamiento Terapéutico: una experiencia en formación. In: Frank ML, Costa M & Hernández D. (Org.). *Clínica en las Fronteras. Caminos del Acompañamiento Terapéutico en lo Cotidiano*. 1ed.Córdoba/Argentina: Editorial Brujas, v. 1, p. 1-25.
- Kupfer MCM, Faria C & Keiko C. (2007). O tratamento institucional do Outro na psicose infantil e no autismo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 59, n. 2 pp. 156-166.

Orlandi LBL. (2007). Apresentação. In: Aragon LEP. *O impensável na clínica: virtualidades nos encontros clínicos*. Porto Alegre: Sulina/UFRGS.

Rolnik S. (2016). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2a edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS.

Rocha LP. (2015). *Entre passagens: contribuições do Acompanhamento Terapêutico à clínica psicanalítica da adolescência*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.